

O TEMPLO DE JATAB: UM ROMANCE LICENCIOSO PUBLICADO PELA IMPRESSÃO RÉGIA DO RIO DE JANEIRO

Márcia Abreu *

*Para Sandra Jataly Pesavento,
que viu das aventuras de Dely e pensou com seriedade
sobre as relações entre livros libertinos e mudança histórica.*

Resumo: O texto apresenta o início da publicação de romances no Brasil, realizada pela Impressão Régia entre 1810 e 1822, discutindo as dificuldades de estabelecimento de uma lista confiável de títulos dados à luz por essa casa impressora. Chama a atenção o fato de que parte relevante dos poucos romances publicados contenha enredos de cunho licencioso. Dentre eles, destaca-se a *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, tradução de *Mémoires turcs avec l'histoire galante de leur séjour en France, par un auteur turc de toutes les académies mahométanes*, publicado anonimamente em Paris, em 1743, e diversas vezes proibido de circular por intervenção da censura. O artigo analisa detidamente este texto e sua circulação em terras luso-brasileiras.

Palavras-chave: Impressão Régia. Romance licencioso. *Mémoires turcs*. *História de dois amantes ou o templo de Jatab*

“O romance existiu no Brasil, antes de haver romancistas brasileiros”, escreveu, acertadamente, Roberto Schwarz, em *Ao vencedor as batatas*.¹ Efetivamente, considerando a

* Professora do Departamento de Teoria Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp. Pesquisadora do CNPq. Nas citações foram mantidas a ortografia, a pontuação e a sintaxe originais.

¹ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981, p. 29.

leitura e não apenas a escrita de obras ficcionais, é preciso recuar, ao menos, até o século XVIII, quando sequer era possível imprimir no Brasil. Desde então, as principais cidades brasileiras recebiam remessas regulares de livros vindos de Portugal, entre os quais os romances² não ocupavam a menor parte.³ A transferência da corte para o Rio de Janeiro, com a conseqüente chegada de prelos à cidade e abertura da Imprensa Régia, pouco mudaram a prática de aquisição de livros na Europa, mas acrescentaram a ela a possibilidade de adquirir obras impressas localmente.⁴

Diante da nova experiência de poder imprimir livros sem ter que atravessar o Atlântico, as escolhas realizadas pelos primeiros editores de obras ficcionais chamam a atenção. A primeira delas, saída das oficinas da Imprensa Régia dois anos após sua instalação, foi o romance *O Diabo Coxo, verdades sonhadas e novellas de outra vida traduzidas a esta*, escrito originalmente em francês por Alain René Le Sage, e dado à luz no Rio de Janeiro em 1810. A ele, seguiram-se *A filósofa por amor ou cartas de dous amantes apaixonados e virtuosos* (1811), *História de dois Amantes ou o Templo de Jatab* (1811), *Paulo e Virgínia* (1811), *Cartas de uma peruviana* (1811), *A Choupana índia* (1811), *Aventuras pasmoças do célebre barão de Munkausen* (1814), *O Castigo da Prostituição* (1815), *As duas desafortunadas* (1815), *Historia da donzella Theodora* (1815), *Triste effeito de huma infidelidade* (1815), *O amor offendido, e vingado* (1815), *Aventuras galantes de dois fidalgos estudantes* (1818), *Leituras para os meninos* (1818) e *Carta escrita pela Senhora de*** rezidente em Constantinopla a huma sua Amiga* (1819).⁵

² No século XVIII e em boa parte do XIX, não havia uma estabilidade na forma de designar a prosa ficcional. Os termos “romance”, “novela”, “conto” e “história” eram empregados como equivalentes. Utilizarei o termo romance para designar as obras em prosa ficcional em circulação nesse período.

³ A importação de livros no período colonial foi estudada por Abreu, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras / FAPESP / ALB, 2003. Ver também VILLALTA, Luiz Carlos. “A censura, a circulação e a posse de romances na América Portuguesa (1722-1822)”. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (org). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras / FAPESP / ALB, 2005.

⁴ No dia 13 de maio de 1808, o Príncipe Regente D. João, criou, por decreto, a Imprensa Régia no Rio de Janeiro, concedendo-lhe o monopólio da impressão no país. Os prelos destinavam-se à impressão de documentos oficiais, mas foram utilizados também para dar à luz publicações diversas: desde obras de Medicina e Economia a livros didáticos e romances. Em 1811, o monopólio foi suspenso pela autorização concedida a Manuel Antonio da Silva Serva para que instalasse uma tipografia em Salvador. No Rio de Janeiro, até 1821, a Imprensa Régia continuou sendo a única tipografia autorizada a funcionar.

⁵ A definição do conjunto de títulos efetivamente publicados pela Imprensa Régia foi tema da Tese de Doutorado de Simone Cristina Mendonça de Souza, *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, sob a orientação de Márcia Abreu, 2007. Ela mostrou as incorreções existentes em diversas atribuições e buscou localizar exemplares de todas as obras atribuídas à IRRJ. Suas investigações chegaram aos seguintes títulos: *O Diabo Coxo verdades sonhadas e novellas de outra vida traduzidas a esta* (1810), *A filósofa por amor ou cartas de dous amantes apaixonados e virtuosos* (1811), *História de dois Amantes ou o Templo de Jatab* (1811), *Paulo e Virgínia* (1811), *Aventuras pasmoças do célebre barão de Munkausen* (1814), *O Castigo da Prostituição* (1815), *As duas desafortunadas* (1815), *Historia da donzella Theodora* (1815) e *Triste effeito de huma infidelidade* (1815), *Aventuras galantes de dois fidalgos estudantes* (1818), *Leituras para os meninos* (1818) e *Carta escrita pela Senhora de*** rezidente em Constantinopla a huma sua Amiga* (1819).

Uma primeira reação a esse conjunto de títulos é de estranhamento, já que sua sobrevivência no mundo das letras foi muito reduzida.⁶ Excetuando-se a obra de Bernardin de Saint-Pierre, *Paulo e Virgínia*, e, talvez, a de Rudolf Erich Raspe, *Aventuras pasmozas do célebre barão de Munkausen*, as demais caíram no mais fundo esquecimento. A leitura dessas obras nos reserva, no entanto, um novo e distinto estranhamento, pois parte importante delas contém escritos de cunho licencioso, uma ou várias vezes proibidos de circular na Europa devido às transgressões às normas e convenções sociais presentes nas histórias.

Esse estranhamento se torna mais intenso quando se sabe que a possibilidade de imprimir no Brasil não prescindia da obtenção de uma licença prévia fornecida pelos organismos de censura. Assim como acontecia em Portugal, os censores instalados no Rio de Janeiro não viam com bons olhos as obras ficcionais em geral e, muito menos, as de conteúdo licencioso ou libertino. Por isso, espanta o fato de, das 15 obras ficcionais saídas dos prelos cariocas, sete conterem narrativas centradas na transgressão de convenções políticas, religiosas e morais. Nelas se contam as aventuras de um estudante que libertou o demônio e aproveitou-se de suas habilidades para conhecer os segredos mais sórdidos dos habitantes de Madri (*O diabo coxo*), a história de mães solteiras (*Aventuras galantes*), de amantes abandonadas grávidas que se suicidam (*Triste efeito de uma infidelidade*), de amantes abandonadas que se prostituem e contraem doenças venéreas (*O castigo da prostituição*), de esposas traídas que se vingam assassinando o marido e suicidando-se (*O amor ofendido e vingado*), de amantes e esposas traídas e abandonadas (*As duas desafortunadas*), entre outros desvios de conduta.

Dentre todos os títulos, menos ou mais licenciosos, saídos dos prelos da Impressão Régia, o mais surpreendente é *História de dois Amantes ou o Templo de Jatab*, cujo enredo é verdadeiramente lascivo. O livro, escrito por Claude Godard d'Aucour, foi publicado anonimamente em Paris, em 1743, com o título *Mémoires turcs avec l'histoire galante de leur*

Algumas obras jamais foram encontradas, mas podem ser acrescentadas a essa listagem, pois são indicadas nas páginas de rosto de livros efetivamente saídos dos prelos da IRRJ, com a advertência: “Vende-se na Loja de Paulo Martin filho”: *A Choupana índia* (referida na folha de rosto de *História de dois amantes ou o Templo de Jatab*), *Cartas de uma peruviana* (anunciada em *Triste efeito de huma infidelidade*, *As Duas desafortunadas* e *O Castigo da prostituição*). Parece seguro, também, que *O amor ofendido, e vingado* tenha saído dos prelos cariocas, pois Alfredo do Valle Cabral advertiu que o arquivo da Tipografia Nacional, local onde ele trabalhava, guardava um exemplar deste livro. (CABRAL, Alfredo do Valle. *Anaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881).

Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Luiz Carlos Villalta acreditam que seja possível incluir mais dois títulos nessa lista — *A boa mãe e A má mãe* — devido a um anúncio publicado na *Gazeta de Notícias*, de 24 de janeiro de 1816 que as incluí entre as obras que “saíram à luz”. Entretanto, os próprios autores advertem: “infelizmente, não se encontrou nenhum exemplar que sanasse essa dúvida, mas não é impossível cogitar a hipótese” de sua publicação no Rio de Janeiro. (NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; VILLALTA, Luiz Carlos. (org.) *4 Novelas em Tempos de D. João*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.)

⁶ Não restou sequer um exemplar de algumas dessas obras. Todas as que sobreviveram estão reproduzidas em versão facsimilar no site Caminhos do Romance — www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br

*séjour en France, par un auteur turc de toutes les académies mahométanes.*⁷ Poucos anos depois, em 1749, já constava da lista de obras apreendidas na Bastilha e destinadas à destruição.⁸ Seu destino em terras lusitanas não foi muito distinto, pois o livro foi “suprimido”, ou seja, proibido de circular,⁹ pelo Edital de 24 de setembro de 1770.¹⁰

Em 1777, os censores da Real Mesa Censória voltaram a se debruçar sobre a obra, designada como “Memórias Turcas. Trez tomos. Pela Sociedade, em Amsterdam, anno de 1776.”¹¹ Fr. Francisco Xavier de Santa Ana Fonseca, encarregado de preparar um parecer sobre o texto a fim de apresentá-lo ao tribunal, julgou-o tão pernicioso a ponto de propor que sua interdição sequer constasse nos Editais publicamente divulgados, “porque nascendo da prohibiçãõ appetite, receio que querendo-se evitar a lição de seme-

⁷ Claude Godard d'Aucour nasceu em 1716 e faleceu em 1795. Ocupou cargos administrativos durante o Antigo Regime (foi “fermier général” em 1754 e “receveur général des finances” em 1785). Escreveu obras ficcionais (*Mémoires Turcs*, 1743; *Thémidore*, 1745; *La Parisiède*, 1773) e paródicas (*La Déroute des Paméla*, 1743). Cf. DEMOUGIN, Jacques (dir.) *Dictionnaire des Littératures française et étrangères*, Paris: Larrouse, 1985, p. 636. Foi consultada a seguinte edição francesa: *Mémoires Turcs avec l'histoire galante de leur séjour en France, par un auteur turc de toutes les académies mahométanes, licencié en droit turc, et Maître-ès-Arts de l'Université de Constantinople*. A Paris: En l'hôtel de son excellence, rue de Tournon, Fauxbourg S. Germain. Lu et approuvé par l'Approbateur Général du Grand Seigneur. 1743. Disponível em http://venus.unive.it/piotto/francese/godard/p1/memoirs_turcs_1.html. Consultado em 1 de outubro de 2008.

⁸ Em maio de 1749, foi organizado um *Etat des ouvrages imprimés qui sont au dépôt de la Bastille et destinés pour être brûlés ou mis au pilon dans le château* (Arsenal, ms. 10305), no qual consta o livro “Mémoires turcs”, sem indicação de autor. Não se sabe qual foi seu destino, se atirado ao fogo ao triturado em pilão (“mis au pilon”) para ser transformado em massa para produção de papel. Robert Dawson transcreveu documentação relativa ao confisco de livros na França e a disponibilizou em <http://www.utexas.edu/people/dawson/> (consultado em 29 de setembro de 2008). *Essa documentação complementa o que está disponível em Dawson, Robert. Confiscations at customs: banned books and the French booktrade during the last years of the Ancien régime*. Oxford: Voltaire Foundation 2006. Segundo Maria Teresa Esteves Payan Martins, entre 1743 e 1787, foram feitas 18 edições da obra em francês, entre as quais algumas contrafações. MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan. *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Tese de Doutorado em Literatura e Cultura Portuguesas — especialidade História do Livro — apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Depto. de Estudos Portugueses, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: 2001. A interdição a *Mémoires Turcs* é mencionada também em WEIL, François. *Livres interdits, livres persécutés (1720 — 1770)*. Oxford: Voltaire Foundation, 1999, p. 258 e em DARNTON, Robert. *Edição e sedição — o universo da literatura clandestina no século XVIII*. Tradução Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 210.

⁹ Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Luiz Carlos Villalta, citando o mesmo parecer, afirmam que “o censor não achava que a obra dovesse ser proibida, mas propunha cortes para sua publicação.” (NEVES, L. M. B. P.; VILLALTA, L. C. op. cit. página 56). Entretanto, a conclusão do parecer é clara e indica a proibição da obra: “He pois o meu parecer, que não se deixando ir para as mãos dos livreiros, se obriguem estes com termo, amanda-los [sic] da casa da Revisão para fora do Reyno; ou / o que me parece melhor /, que todos os q'vierem a esta Real Meza, sejam suprimidos, para ver se com esta resolução se evita, q'deste Reyno se peçam semelhantes livros, e de fora delle deixam de os mandar. Esta Real Meza determinará o que for mais acertado, e justo. Foram do mesmo assumpto os S^{rs}. Deputados adjuntos. Meza 18 de Agosto de 1777”

¹⁰ Cf. MARQUES, Maria Adelaide Salvador. *A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional — aspectos da geografia cultural portuguesa no século XVIII*. s/ed, Coimbra, 1963. p. 172.

¹¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Real Mesa Censória (RMC). Censuras e Pareceres. Caixa 10, 1777, nº 68.

lhante obra, sirva o Edital de desafiar a curiosidade para ver o q'ella contem".¹² O livro que, segundo o censor, continha "huma satira a mais negra contra os costumes de toda a França", pareceu tão terrível a ponto de o Frei supor ter sido inspirado pelo demônio:

só por huma vehemente suggestão de Asmodeos, podia este depravadissimo Author escrever tanta indecencia, e sustentar a longa serie de obsenidades, q'saõ precisas para encher trez livros. Alem deste veneno, tem o attractivo de hum estilo agradável, q'concorre para o fazer mais nocivo.¹³

A aliança entre um enredo licencioso e um estilo atraente resultou em uma perigosa obra, cuja circulação, do ponto de vista do censor, traria danos evidentes aos costumes e à moral. Transtornado com a leitura, retomou um velho debate letrado, ponderando: "Se esta obra corresse livremente, ella só bastaria para lembrar o assumpto do Problêma: Se a invenção da estampa foi mais prejudicial, do q'util ao Publico".¹⁴ O Frei mal podia imaginar que, depois de três séculos de interdição à imprensa na América Portuguesa, este seria justamente um dos primeiros livros a serem dados à luz nos recém inaugurados prelos do Rio de Janeiro.

Quase 70 anos após sua primeira edição na França, o texto de Godard d'Acourt foi publicado no Brasil em versão "traduzida e acomodada por J.P.S.A" (muito provavelmente José Pedro de Sousa Azevedo),¹⁵ com o título de *História de dois amantes ou o Templo de Jatab*.¹⁶

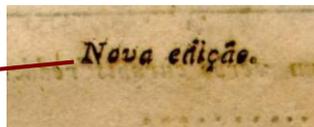
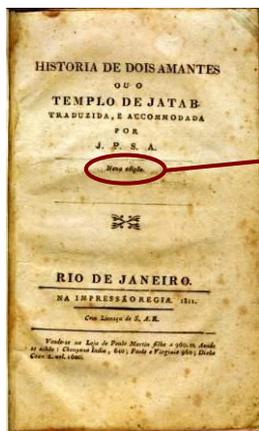
¹² Parecer exarado por Fr. Fran^{co}.X^{er}.de S^{ta}.Anna Fon^{ca}. e subscrito por Fr. Joaquim de S^a. Anna e S^a. e Fr. Luiz de S^{ta}. Clara Povia em 18 agosto de 1777. ANTT. RMC. Censuras e Pareceres. Caixa 10, 1777, n^o 68. Todo cuidado foi inútil, pois o livro permaneceu em circulação em Portugal, como se percebe em correspondência enviada por Luiz de Barros Teixeira Lobo ao "Ill^{mo}. S^r Conego Manoel Anselmo de Sande", em 18 de Abril de 1810, em que, "p^r. obediencia aos respeitabilissimos decretos do Tribunal do Santo Officio, e decargo de m^a. consciencia", ele lista os livros proibidos com que teve contato. Entre eles, menciona: No anno de 1793 na m^{ma}. Cid^e. li o livro intitulado Aventures d'un jeune Turc a Paris, q trata da inventada seita dos Jatabutas [sic]: o q^{al}. me emprestou Ignacio de M^{es}. Brito se bem me lembro sem q pense em outra pessoa, o q^{al}. Ignacio de M^{es}. hoje he Desgr. da Rela^o do Porto." [ANTT. Inquisição de Lisboa. Processo 14.102]. Maria Teresa Esteves Payan Martins cita tanto o processo da Real Mesa Censória quanto a correspondência enviada à Inquisição. MARTINS, M. T. E. P. op. cit., p. 196.

¹³ Parecer exarado por Fr. Fran^{co}.X^{er}.de S^{ta}.Anna Fon^{ca}. op.cit.

¹⁴ Idem, ibidem.

¹⁵ Segundo Inocêncio Francisco da Silva, "o nome do traductor designado com as letras iniciaes é o de José Pedro de Sousa Azevedo, bacharel em mathematica, e official de marinha, que foi depois um dos individuos deportados em 1810 para a ilha Terceira, por ordem da regencia do reino, como suspeitos de *jacobinismo*, isto é, de serem partidarios dos francezes, ou melhor, de propenderem para as doutrinas inauguradas na revolução de 1789." SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Volume VII, p. 298. Lisboa. Ophir — Biblioteca Virtual dos Descobrimentos Portugueses; 9. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

Segundo Simone Cristina Mendonça de Souza, o tradutor José Pedro de Sousa Azevedo foi o responsável pela impressão do livro, em 1807, como se vê pelo requerimento de produção de 600 exemplares da "novella Tem-



História de dois amantes ou o Templo de Jatab. Traduzida e acomodada por J.P.S.A. Nova edição. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811. Com licença de S.A.R. Exemplar pertencente à Biblioteca Guita e José Mindlin

A publicação reproduz — com diferente diagramação — a edição portuguesa de 1806, indicando, portanto, logo abaixo das iniciais do tradutor, que se trata de “nova edição”.¹⁷ A obra portuguesa, feita também pela Impressão Régia (de Lisboa), recebeu um título diferente: *Templo de Jatab. Collecção de memórias turcas*.

plo de Jatab”, à Impressão Régia de Lisboa. “Portugal. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Registo de obras impressas, liv.^o 97 (1804-1808)”. Fundo 029 IN, Seção 2.2.13.1, Livro 480, Série contabilidade. f. 143”. SOUZA, S. C. M. op.cit.

¹⁶ *História de dois amantes ou o Templo de Jatab*. Traduzida e acomodada por J.P.S.A. Nova edição. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811. Com licença de S.A.R.

¹⁷ Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Luiz Carlos Villalta afirmam que a edição publicada no Rio de Janeiro “é um pequeno conto, que não passava de sessenta páginas, diferenciando-se da edição impressa em Portugal pela Tipografia Régia de Lisboa, em 1806, que trazia 152 páginas” e concluem que o “exemplar luso-brasileiro de 1811 é um recorte da edição publicada do outro lado do Atlântico”. NEVES, L. M. B. P.; VILLALTA, L. C. op.cit., pág. 54. Na verdade, as duas edições trazem exatamente o mesmo texto, devendo-se a diferença no número de páginas à diagramação e ao tamanho dos tipos empregados.



Templo de Jatab. Collecção de memórias turcas. Historia I. Traduzida, e accommodada por J.P.S.A. Lisboa. Na Impressão Régia, 1806. Com licença de S. A. R. Exemplar pertencente à Fundação Calouste Gulbenkian — Paris.

Provavelmente, o tradutor pretendia prosseguir com a publicação, pois indicou que o livro fazia parte de uma “collecção” e que o volume trazia a “Historia I.” Como de costume, advertiu que se tratava de uma narrativa “traduzida, e accommodada”, escudando-se com o dito de Horácio — “Nec verbum verbo curabis reddere, fidus Interpres.”¹⁸ —, citado à guisa de epígrafe do prólogo “Ao Leitor”, preparado pelo tradutor. Apesar do grande sucesso da obra, que conheceu quatro edições no princípio do XIX, a prometida coleção parece não ter vingado.¹⁹

A “acomodação” realizada pelo tradutor o levou a cortar o início e o final do texto original, concentrando-se nas aventuras do jovem Dely, ou, como esclarece o princípio da tradução: “omitindo a carreira dos meus primeiros annos, referirei somente a história das minhas fatalidades, que formão a mais importante época da minha vida”.²⁰ A versão francesa segue a convenção dos romances modernos que, sob o disfarce da memória pessoal, apresenta uma narrativa em primeira pessoa, em que se conta a vida do protagonista desde o princípio.²¹ Dizendo viver em Paris, o narrador rememora seu passado e diz

¹⁸ Em tradução livre: como verdadeiro tradutor, não cuidarás de traduzir palavra por palavra.

¹⁹ Conhecem-se as seguintes edições: *Templo de Jatab. Collecção de memórias turcas. Historia I. Traduzida e accommodada por J.P.S.A. Lisboa: na Impressão Régia, 1806, 152 páginas. História de dois amantes ou o Templo de Jatab. Traduzida e accommodada por J.P.S.A. Nova edição. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811, 60 páginas. Templo de Jatab. Collecção de memórias turcas. Historia I. Trad. e accommodada. Novamente reimpressa sobre a edição feita em 1806. Lisboa, na Imp. de João Nunes Esteves, 1822, 74 páginas. Templo de Jatab, ou historia de dois amantes, Zulmia e Dely. Lisboa: na Typ. de Nunes seu filho, 1841.*

²⁰ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 5.

²¹ [D'AUCOUR, Claude Godard]. *Memoires Turcs avec l'Histoire galante de leur séjour en France*, Par un Auteur Turc de toutes les Académies Mahométones, licencié en droit turc, et Maître-ès-Arts de l'Université de Constantinople. Première Partie. A Paris, En l'Hôtel de son excellence, rue de Tournon, Fauxbourg S. Germain. Lu et approuvé par l'Approbateur Général du Grand Seigneur. MDCCXLIII. Disponível em http://venus.unive.it/piotto/francese/godard/p1/memoirs_turcs_1.html. Consultado em 1 de outubro de 2008.

ser filho do Bacha Muley e de uma francesa chamada Euphémie. Tendo sido criado apenas pelo pai, sem conhecer a mãe, o jovem viu-se em dificuldades quando seu pai caiu em desgraça política e foi preso, deixando o jovem ao sabor da própria sorte.

A versão publicada no Rio de Janeiro foca-se, apenas, na “história de dois amantes” como esclarece seu título, principiando no momento em que Dely decidiu trabalhar com um mercador de escravos, viajando pela Pérsia para comprar as mais belas mulheres para os haréns dos príncipes de Constantinopla. No regresso à casa, já próximos da Turquia, e com “huma duzia de mulheres, as mais bellas que tinha[m] encontrado”,²² conheceram um homem pobre que lhes ofereceu sua filha à venda.

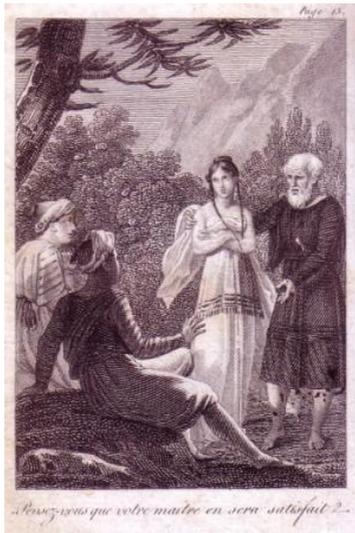


Ilustração representando o encontro de Dely com o pai de Zulima e Theofia.²³

Os elogios feitos pelo pai à beleza da moça convenceram Dely a ir até sua casa. Ao por os olhos sobre a jovem Theofia, seu amor foi instantâneo, suscitando o desejo de adquiri-la para si e não para nenhum rico paxá. Antes de propor negócio, entretanto, ele a inquiriu sobre seu passado, perguntando “se já tinha commercio com homens”.²⁴ A sincera jovem respondeu que “não; mas que por intervenção [sua] em breve esperava ter

²² *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 5.

²³ *Mémoires Turcs, ou aventures d'un jeune turc, avec l'histoire de son séjour en France et lettres d'Achmet-Dely-Azet, Bacha a trois queues, a Atalide, son esclave favorite*; Par M. G. D'Ancourt. Paris: A la Librairie Ancienne et Nouvelle, 1822. Coleção particular.

²⁴ Idem. página 8.

essa honra”.²⁵ Tudo parecia muito agradável ao jovem apaixonado, não fosse a moça declarar-se sectária de Jatab. Segundo essa seita,

as mulheres [...] não são puras máquinas simplesmente feitas para nosso prazer. Ele [Jatab] não priva estes admiráveis automatoss de todo o sentimento depois de sua morte, promete-lhes, como a nós, hum Paraíso, onde sem cessar gozarão de tão vivos prazeres, como os que na vida lhe tiverem ministrado os mais amáveis homens, a quem se tenham dado; quer porém que todas na idade de quinze annos vão em peregrinação á montanha de Alfeia, onde este perverso saltador fundára, em honra sua, mais propriamente um lupanar, do que hum templo: diz mais que as que aos Ministros de Jatab agradarem, ahí fiquem por oito dias entregues á disposição delles, prohibe-lhes o casarem, ou serem vendidas a Mercadores de Escravas sem que preceda esta santa peregrinação; [...] a que falte a huma destas leis he privada da felicidade eterna, e além disso abraçada por hum continuo, e violento amor sem ter jamais a esperança de satisfazello: he-lhes vedado, debaixo das mesmas penas, negar seus favores a qualquer homem, depois daquella santa peregrinação, porque antes ellas devem conservar-se virgens.²⁶

Não há nenhum registro histórico de uma seita semelhante, mas é clara a ironia com crenças muçulmanas, pois o paraíso prometido por ela inverte a ordenação convencional em que se garantem belas virgens para os homens,²⁷ mas nada se diz sobre as mulheres.²⁸ Na doutrina jatabista, elas terão gozo eterno, proporcional ao que tiverem conhecido em vida. Para obter essa eternidade de volúpias, bastava que se mantivessem virgens até os 15 anos, idade na qual deveriam peregrinar ao Templo de Jatab para serem

²⁵ Idem, *ibidem*.

²⁶ Idem, página 9.

²⁷ As explicações sobre o paraíso, no Alcorão, estão em Sura 56:1-56. Sura é nome dado a cada um dos “capítulos” do livro sagrado da religião islâmica, que possui 114 suras, subdivididas em “versículos” (*ayat*). As explicações sobre o paraíso estão, portanto, no capítulo 56 entre os versos 1 e 56. O paraíso é um lugar de alegrias inimagináveis (32:17), um jardim com árvores e comida (13:35;15:45-48), onde são realizados os desejos de muçulmanos fiéis, (3:133; 9:38; 13:35; 39:34; 43:71; 53:13-15).

²⁸ Muitos autores já destacaram as semelhanças entre as *Cartas Persas* (1721) de Montesquieu e as *Mémoires Turcs*. O tema das delícias do paraíso também está ali presente. Na Carta 125, de « Rica a *** », diz-se: « On est bien embarrassé, dans toutes les religions, quand il s'agit de donner une idée des plaisirs qui sont destinés à ceux qui ont bien vécu. On épouvante facilement les méchants par une longue suite de peines dont on les menace; mais pour les gens vertueux on ne sait que leur promettre. Il semble que la nature des plaisirs soit d'être d'une courte durée; l'imagination a peine à en représenter d'autres. J'ai vu des descriptions du Paradis capables d'y faire renoncer tous les gens de bon sens: les uns font jouer sans cesse de la flûte ces ombres heureuses; d'autres les condamnent au supplice de se promener éternellement; d'autres enfin... n'ont pas cru que cent millions d'années fussent un terme assez long pour leur ôter le goût des inquiétudes amoureuses. » MONTESQUIEU. *Lettres Persanes*. Edited with an introduction, notes and an index by Robert Loyalty Cru. New York: Oxford University Press, 1914, página 188.

“purificadas” pelos “ministros” da seita. A partir daí não se deveriam furtrar à prática sexual com todos aqueles que por elas se interessarem, pois a satisfação após a morte seria equivalente ao que de melhor tivessem experimentado em vida. A ironia se completa pelo nome atribuído à seita que evoca o profeta Omar ibn al Jatab, um dos sucessores de Maomé, segundo o Corão.²⁹

Engenhosamente, Godard d’Aucour criou um narrador dividido entre duas culturas, por ser filho de um turco e uma francesa. Assim, ele pode não apenas compreender as duas culturas, mas, principalmente, criticá-las com igual impiedade. Ao tomar conhecimento de que Theofia já havia passado pelo ritual de purificação jatabista e que considerava os ministros da religião como “santos, e não homens”,³⁰ Dely pondera:

que devia eu responder-lhe? Tal era a sua crença, tal a dificuldade que eu tinha de poder riscar prejuízos de educação, e superstição. O unico lenitivo a meu mal, e que de alguma maneira o minorava, era o direito, que pelos principios da sua seita, eu tinha a seus favores. Theofia era para mim tão terna, quanto dura a lembrança do Templo e seus Ministros.³¹

O reconhecimento das diferenças culturais fica claro quando ele afirma poder fazer pouco diante da crença da moça e dos preconceitos (“prejuízo”) de sua educação. Entretanto, rapidamente, o narrador percebe vantagens na devoção da jovem, pois sua fé a estimulava a ter relações sexuais com ele, ideia que parecia do agrado da moça, que já havia declarado seu interesse pelo rapaz. O narrador fica dividido entre forças diversas: compreende os costumes alheios, mas não abre mão de suas convicções íntimas; aprecia o fato de a moça dever deitar-se com todos que a desejarem, mas almeja uma mulher virgem. Entre a percepção da alteridade e suas razões íntimas, o jovem hesita, o que talvez seja, como afirma o narrador, consequência de ser “filho de huma Franceza”, o que torna seu “coração [...] muitas vezes Francez”.³²

A dificuldade se desfaz quando aparece Zulima, irmã de Theofia, que, imediatamente arrebatou o interesse do moço: além de igualmente linda, ela tinha a vantagem de ser virgem, o que a tornava infinitamente mais atraente. A oscilação inicial entre suas próprias convicções e os ditames culturais alheios se desfaz quando Dely percebe que as

²⁹ Sua existência não parece ter comprovação histórica. “Lo stesso Corano propone figure di profeti, mai esistiti storicamente (una di queste è per esempio quella di Hùd, da cui vengono fatti discendere gli Aditi). La setta jatabita non appare compresa, se si indaga nella storia delle religioni, nel gran numero delle sette islamiche storicamente documentate.” Nota à edição on line de *Mémoires Turcs* disponível em <http://venus.unive.it/piotto/francese/godard/p1/27.html>. Consultado em 1 de outubro de 2008.

³⁰ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 9.

³¹ Idem, *ibidem*.

³² *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 8.

regras às quais as moças obedeciam eram prejudiciais ao seu próprio interesse. Ao saber que Zulima passaria pelo ritual de purificação dentro de oito dias, o narrador não poupou adjetivos, chamando os ministros de Jatab de “infames”, suas práticas de “vil infâmia” e a viagem até o templo de “fatal peregrinação”, concebendo estratégias para evitar que Zulima fosse “manchada”.³³ Curiosamente, apenas três páginas antes, quando a cultura alheia não era um empecilho aos seus interesses, o narrador havia ponderado:

como são diversos nas gentes os costumes! Na Asia he para as mulheres huma honra passarem aos Serralhos, para que desde sua infancia se destinam as mais bellas. He deste modo que o uso se ri dos prejuizos, e authoriza em certos povos, o que noutros condena. A natureza a pouco repugna, e a tudo se inclina.³⁴

Repetindo ideias caras aos libertinos, utiliza-se a diversidade dos comportamentos culturais como argumento para esvaziar o peso de interdições, sobretudo as sexuais: “a natureza a pouco repugna, e a tudo se inclina”.

Dely, dividido entre respeitar a convenção cultural da localidade e agir em proveito próprio, tenta convencer Zulima a não se submeter ao ritual. Mas foi pouco persuasivo, pois pretendia convencê-la de algo “de que [ele] mesmo não estava convencido ainda”.³⁵ Ela, pelo contrário, estava segura em suas convicções e declarou:

Vós esconjurais os nossos Ministros? Murmurais da nossa sancta lei? Eu tremo de horror! Tremei tambem que hum raio póde cair sobre vossa cabeça, a terra a vossos pés abrir-se, e absorver-vos póde. [...] Minha mãe, minha irmã, todas em fim, nestes sítios tem feito a mesma peregrinação, e voltão muito mais convencidas ainda da sanctidade deste acto. Porque sois então vós o unico, que o reprova? Oh cegueira, oh desgraça! [...] Eu não vos compreendo, replicou Zulima! Que homem sois vós? Logo que eu volte do Templo, comprei-me, não me torneis a vender, então vereis se eu vos amo, se desejo para sempre ser vossa com preferencia a outro qualquer; mas he necessario servir primeiro a Deos, que aos homens.³⁶

A convicção dos católicos, que afirmavam sua crença como a única verdadeira e tomavam como hereges todos os que pensavam de maneira diferente da sua, ecoa, ironicamente, nas palavras de Zulima. A crítica é amplificada quando se percebe que as ideias defendidas pela seita são diametralmente opostas às pregadas pela Igreja Católica, associ-

³³ Idem, página 10-11.

³⁴ Idem, página 7.

³⁵ Idem, página 17.

³⁶ Idem, páginas 18-19.

ando sexo e “santidade”; “purificação” e sexualidade feminina ativa. Nova dose de ironia faz com que jatabista e católicos, entretanto, concordem em um ponto: “he necessario servir primeiro a Deos, que aos homens”.

A explicitação do paralelo entre a realidade turca e a europeia se faz logo em seguida, quando o pai de Zulima, Azaor, entra em cena, exultante de felicidade, pois o companheiro de Dely, Azaim, tinha lhe dado a “honra” de interessar-se por sua esposa. Satisfeito, ele os tinha deixado a sós, “porque a nossa lei [...] ordena, que assim os deixe”.³⁷ Incontinentemente, o narrador comenta:

Tal discurso, que duro não seria aos ouvidos de algum cioso Europeo, acostumado a pensar, que elle sim póde gozar de outras mulheres, mas que sua esposa hum igual direito não tem! Entretanto me contentei em felicitar Azor, da honra que Azaim lhe fazia; porque eu sabia, que o Profecta Jatab, concedia grandes prêmios aos maridos pacíficos, e de bom gênio. He aquella a felicidade de huma familia, e talvez a seja hoje em muitas partes da Europa. Huma mulher deste character adquire a seu marido amigos, e protectores. Sem dúvida, algum discípulo de Jatab pregou nestes paizes, onde se encontram tantos maridos desta seita, e tantas mulheres Jatabistas.³⁸

O narrador deixa clara a aproximação entre os hábitos supostamente exóticos e o cotidiano europeu. Sua ponderação principia afirmando a rejeição ao costume oriental, mas conclui mostrando que, ao contrário do que as aparências indicariam, as práticas ditas civilizadas são equivalentes às jatabistas.

Percebendo a impossibilidade de lutar contra costumes tão solidamente enraizados, Dely encontra uma solução engenhosa: ele decide tornar-se um monge no Templo de Jatab, levando consigo seu amigo, mercador de escravos. Um “dos artigos das actas da [...] Ordem” previa que “a primeira rapariga, que se apresentar ao Templo seja para o primeiro noviço, que entrar”, por isso o rapaz não hesitou em ingressar na ordem. Tudo parecia encaminhar-se para uma solução feliz, pois, oculto sob as vestes monacais, Dely desfrutaria das primeiras experiências sexuais de Zulima que, pensando estar sendo purificada, estaria nos braços de seu amado. Mas uma reviravolta afastou Dely de seu intento. Os monges antigos estavam todos em disputa, pois queriam possuir Zulima, “huma das mais bellas daquelle deserto”³⁹ e, portanto, não ficaram nada satisfeitos com a chegada de um noviço que lhes retiraria o gosto de possuir a linda jovem. Assim, “hum dos principa-

³⁷ Idem, página 20.

³⁸ Idem, página 21. No original, a crítica é dirigida especificamente aos franceses e não aos europeus em geral. *Mémoires Turcs*, op. cit. página 56.

³⁹ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 24.

es Ministros, que disputava Zulima” arquitetou um estratagema, um “passo político”, mandando chamar ao templo uma velha senhora que, por ser doente desde os 10 anos de idade, ainda não havia sido purificada. O narrador conta que ela era “huma idosa velha curvada ao pezo de seus annos, caminhando apoiada de duas muletas.” Sua reação diante do “horror deste espectro” foi de “dor” e “tristeza” ao saber que ela vinha “ajuntar-se” com ele.⁴⁰ A regra, segundo a qual a primeira a chegar caberia ao mais recente noviço, que antes favorecia Dely, agora o prejudicava. As manobras dos padres dão ensejo ao narrador de censurar os religiosos em geral: “em toda parte he trabalhoso aos Monges o viver com harmonia”, pondera Dely.⁴¹

Nesse caso, assim como nos demais, a crítica é provocada e sustentada pela narrativa. Como costuma ocorrer nos romances licenciosos, o texto divide-se entre a reflexão filosófica ou política e a apresentação das ações em que se envolvem as personagens. No caso de *História de dois amantes*, o desenvolvimento da ação se faz pela peripécia, ou seja, pela “mudança dos acontecimentos no seu contrário [...] segundo o provável ou o necessário”, conforme define Aristóteles.⁴² Assim, Dely passa constantemente da felicidade à infelicidade, do desequilíbrio ao equilíbrio. Tornando-se monge, o rapaz soluciona o problema de ser o primeiro homem na vida de Zulima sem ofender suas convicções religiosas, chegando a uma situação de harmonia. Entretanto, a chegada da velha doente ao templo, o conduz a um novo estado de inquietação.

Forçado a agir, Dely tenta sem sucesso “purificar” a velha senhora, cujas queixas acerca das dores provocadas por seu reumatismo em nada colaboram com o desempenho sexual do rapaz. Essa condição de infelicidade também dura pouco, pois nova peripécia no enredo faz com que a artimanha dos monges seja descoberta. Como punição, cabe ao monge principal a “purificação” da recém chegada, fazendo com que Dely passe, novamente, da infelicidade à felicidade. Logo depois da idosa, chega Zulima, que deve ser recebida pelo mais recente monge.

O encontro sexual do jovem casal foi repleto de satisfação, ainda que ele mantivesse sua identidade oculta por meio de um véu. Diz ele:

⁴⁰ Idem, página 26.

⁴¹ Na tradução para o português, as recriminações ao clero são bastante amenizadas, limitando-se a censurar a riqueza do mosteiro, os prazeres ali prodigalizados e as admoestações que se fazem quanto ao perigo de transgredir as regras religiosas. Na versão francesa, tudo é mais explícito: “Pon voit que ce n'est pas seulement en France, que les moines, qui par leur état ont renoncé au monde, sont les mieux partagés des biens de la fortune ; il suffit de voir à Paris et dans les autres villes de France, un jardin vaste, une maison superbe, pour dire : Voilà une abbaye ou un couvent. “ (*Mémoires Turcs*, op. cit., página 61). O narrador aproxima explicitamente o templo de Jatab dos conventos europeus, assim como os ministros ao clero, igualando sua ignorância “des status fondamentaux de l'orde” que os fazem crer “aveuglement”. (Idem. página 61, 62.)

⁴² ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução por Roberto de Oliveira Brandão. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

eu posso testemunhar sua cega submissão às leis de Jatab: em nome deste Profeta obtive della quanto pretendia, e nada faltou á minha felicidade. Ah querido Dely, exclamou ella, ignorando ser eu o proprio, como serei feliz se puder tornar a ver-vos! Nós gostaremos ambos os mesmos prazeres, que maiores julgo impossivel haverellos.

Com que occulta alegria não ouvia eu esta confissão, em que tinha tanta parte. Tentei por vezes levantar o véo, e lançar-me aos pés de Zulima; mas receoso de lhe desagradar me contive; talvez ella tivesse a simplicidade de imaginar, que não tinha cumprido a lei, e se julgasse obrigado a buscar outros Ministros para esse fim.

Quanto se não dever temer de espiritos crédulos! Acreditar em tudo, e nada acreditar são dous extremos igualmente temíveis.⁴³

A cena mostra, em miniatura, o modo de organização da narrativa, em que a cada ação corresponde um pensamento reflexivo acerca da religiosidade ou dos costumes, fazendo com que, em geral, sexo e reflexão sejam intrinsecamente ligados. Se esse modo de estruturação dos textos é comum à maior parte dos romances licenciosos, menos comum é a explicitação do desejo feminino, que, nesse caso, é uma das marcas da narrativa. Zulima gosta de sexo e não vê motivos para não admiti-lo abertamente. Mesmo antes de fazer a peregrinação ao Templo, ela já falava abertamente sobre seu desejo: “Como os homens são encantadores [...]! Eu sinto em sua presença hum tão vivo prazer, como não posso explicar! Quanto me consome a tardança da minha viagem ao Templo! Ah! que só depois eu os conhecerei melhor, segundo dizem!”⁴⁴

A tranquilidade do casal, entretanto, não dura mais do que os 8 dias previstos para sua “purificação”. Assim que a moça deixa o Templo, Dely busca uma maneira de escapar dali, não apenas por não ter qualquer vocação, mas também, por saber que, uma vez purificada, uma mulher não poderia negar seus favores a qualquer homem que por ela se interessasse. A convicção de que sua extraordinária beleza atrairia um séquito de interessados tornava urgente a fuga, o que era determinadamente proibido pelas regras do convento. Sua tentativa de esquivar-se do local é percebida pelo principal ministro do templo, o Grande Karkem, que o condena à prisão em um terrível subterrâneo no qual não penetra uma réstia de luz sequer. Um ano se passa, entre lembranças das noites de prazer, ódio aos monges e temores pela promiscuidade da amada. Decorrido esse prazo, Dely seria queimado em uma fogueira erguida especialmente para supliciar os hereges do

⁴³ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 30. Descrições da relação sexual foram omitidas na tradução. Ver, *Mémoires Turcs*, op. cit., páginas 78, 79.

⁴⁴ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 17.

Templo, o que não deixa de ecoar os processos conduzidos pela Santa Inquisição, ainda em vigência em algumas partes da Europa quando da escrita do livro.

A alternância entre sorte e desdita permanece como mola fundamental do enredo. Assim, no exato dia em que seria queimado vivo, a sentença é suspensa pela chegada de Zulima ao Templo, trazendo nos braços seu filho. Segundo as regras locais, aquela que concebesse um filho homem a partir do contato com os monges deveria entregá-lo para ser criado no convento, sendo-lhe concedida a graça de fazer um pedido ao entregar a criança. O amigo de Dely, que permanecera no Templo como monge, avisa a moça de que durante sua purificação ela tinha estado justamente com Dely que, nesse momento, estava condenado à fogueira por ter tentado escapar do convento para ir ao seu encontro. A jovem, que se mantivera apaixonada por ele, resolve rapidamente a situação, pedindo ao Grande Karkem o perdão de Dely, como mercê pelo oferecimento do filho. Momento de alegria, portanto. Mas a roda da fortuna não para de girar nessa narrativa, fazendo suceder nova desgraça, decorrente de outra regra religiosa exposta nesse momento: ao entregar o bebê, a mulher pode obter uma graça, mas deve ter relações sexuais com o Grande Karkem.

Para Dely, compartilhar a mulher amada parecia ainda pior do que perecer na fogueira, o que o levou a implorar: “por piedade vos peço deixar-me antes morrer, porém sêde-me fiel! [...] Vê-de que vós tornais odiosa, se a vida dessa sorte me obtiverdes”.⁴⁵ O narrador da *História de amantes* está pronto a aceitar as diferenças culturais, a duvidar dos preceitos religiosos, a admitir que as mulheres têm desejos e almejam uma vida sexual ativa, mas é incapaz de admitir a promiscuidade feminina, especialmente quando a mulher em questão é a amada de seu coração.

Apesar dos rogos do rapaz, ela toma a decisão de estar com o Grande Karem e a executa por não ver razão nas queixas do amado. Diz ela: “vós quereis morrer! E há de ser a troco de uma chimera, de hum capricho, que hei de perder o mais precioso bem, a vossa vida? Charo Dely a minha resolução está tomada, adeos.”⁴⁶

A decidida jovem consegue, assim, a libertação de Dely. Embora, depois do encontro, ela parecesse “menos amável”,⁴⁷ ele acaba por se conformar, saindo com ela do templo logo em seguida.⁴⁸

No entanto, novos problemas os esperavam, pois seu pai tinha o direito de vendê-la como escrava. Em um tempo em que os casamentos, na Europa, podiam ser acertados

⁴⁵ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 39.

⁴⁶ Idem, *ibidem*. O texto original é menos enfático, nesse aspecto. Tudo o que ela diz é: “Quoi, cher Dely, reprint-elle, vous voulez mourir! y pensez-vous?” (*Mémoires Turcs*, op.cit. página 100).

⁴⁷ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 40.

⁴⁸ No original, o tema da diminuição do interesse do rapaz devido à infidelidade da moça é mais desenvolvida. (*Mémoires Turcs*, op.cit. página 102)

sem o consentimento dos nubentes, os comentários do narrador são contundentes: “hum Pai, que sacrifica seus filhos, opondo-se á felicidade delles, perde de huma vez os seus direitos”.⁴⁹

Para não se arriscar a passar novamente por situações semelhantes e para evitar que o pai a vendesse como escrava, ambos decidem viver em uma cabana isolada, construída em meio à natureza virgem, longe de qualquer contato humano. Temeroso pela sorte da jovem, Dely se lamenta por seu destino e por não poder oferecer a Zulima o luxo em que ela viveria caso tivesse entrado para o “Serralho de algum rico Baxá”.⁵⁰ Pouca razão vê a moça em suas lamentações, contestando:

Quam injustas são vossas queixas, me diz Zulima, com huma expressão terna, e agradável, este me parece o mais bello lugar do mundo, porque vós estais: seja eu digna de nelle vos servir e amar: acostumado sempre a viver nas Cidades, talvez ignoreis a exuberância, os recursos, que temos nestes desertos para nossa subsistência. De que vivia eu em casa de meu Pai? Acazo não vivia de fructas, de legumes, e de tudo o que a terra offerrece aqui a meus olhos? Este mesmo rio não tem elle, como os outros, peixes, que possão satisfazer-nos? Assas se vive com riqueza, quando se possui, o que se ama.

Admirado das reflexões de Zulima, eu contemplava a diferença de huma mulher do campo (a quem pouco basta para a sua subsistencia) às nossas Damas de Constantinopla, que a suas superfluidades tudo he pouco, e com loucas despezas arruinão muitas vezes a mais bem estabelecida fortuna: então conheci que em Zulima tinha inexauríveis thesours.⁵¹

Dispensa comentário a presença da crítica setecentista à civilização e o enaltecimento da vida natural em que a subsistência depende apenas do trabalho e da generosidade da natureza:

Occupei-me alguns dias em construir huma pequena cabana coberta de folhagem. Com que prazer me não entretinha eu neste trabalho, em quanto por outra parte Zulima se occupava em preparar huma comida frugal, temperada pelas suas caras mãos, cujo sabor era para mim mais grato, que os mais deliciosos manjares do Universo. Ah! quam preferível era nossa rustica meza, cuja toalha na propria relva a provida natureza nos concede, á lauta meza, onde fumeção deliciosos manjares do Universo. As cristallinas águas que allí tínhamos, deliciosas fructas sazoadas, salutíferas: o peixe, que

⁴⁹ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 41.

⁵⁰ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 43.

⁵¹ *Idem*, página 44.

no rio pescava de quando em quando, a mesma caça, tudo, tudo em fim fazia nossa sorte feliz, e invejada. ⁵²

Como de costume, esse estado idílico não perdura, ou, como explica o narrador, “no mar dos meus tormentos dura pouco a bonança; eis novas tempestades se formão, soçobirão meu coração; que tendo por norte hum teimoso, e interminavel fado he seu rumo a desgraça”.⁵³ A nova desgraça consiste no fato de Zulima se perder durante um passeio, sendo capturada pelos Tártaros, povo vivia em grande sofrimento, pois

as mulheres que habitam o Cáucaso são disformes, e tem a vaidade de se julgarem formosas; os homens as aborrecem, e raras vezes terião com ellas commercio senão fossem obrigados pela religião a communicallas em certos dias do anno, para evitar que em breve tempo ficassem despovoados estes desertos. ⁵⁴

Retoma-se o tema da vida sexual ligada a imposições religiosas: os homens eram obrigados a manter relações com mulheres repugnantes, enquanto esperavam pelo cumprimento de uma profecia que prometia que “huma belleza lhes seria concedida algum dia para povoar este deserto de mulheres adoráveis.” ⁵⁵ Ao encontrar Zulima, não tiveram dúvida de que se cumpria a promessa do oráculo, para sua felicidade.

Na verdade, tratava-se de um falso vaticínio, elaborado por um não menos falso profeta, que vivia entre os Tártaros, amealhando fortuna enquanto preparava sua fuga do lugar. Toda forma de religião, nessa narrativa, aparece associada à falsidade e ao interesse próprio de seus ministros. No caso dos Tártaros, entretanto, acresce-se uma dimensão política. O falso profeta, chamado Hussein, era um “veneravel velho, hum Principe descendente do sangue desgraçado dos Sophiz da Persia”,⁵⁶ que havia sido destronado em consequência de um golpe. Em vão, ele esperou que “todos os Monarcas da terra” se reuniram para derrubar o “rebelde”. Não tendo recebido qualquer ajuda, escondeu-se nas montanhas e foi recebido pelos Tártaros como líder espiritual. Segundo Hussein, os povos da localidade “adorão hum ridiculo ídolo, ao qual faço fallar pela minha voz, e preferir todos os Oráculos, que julgo necessarios para manter a boa ordem, e tranquilidade”.⁵⁷ Em política, não se pode confiar em ninguém, tampouco em religião — explicitamente apresentada como engodo necessário para manutenção da ordem.

⁵² Idem, página 45.

⁵³ *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, op. cit. página 40.

⁵⁴ Idem, página 49.

⁵⁵ Idem, página 50.

⁵⁶ Idem, página 48-49.

⁵⁷ Idem, página 49.

Zulima, alheia a essas manipulações, não se incomodou com o assédio dos homens tártaros. Embora desejasse re-encontrar Dely, acreditava que devia corresponder aos desejos de todos os homens que se interessassem. As únicas a se desagradar da novidade foram as horríveis mulheres, que decidiram matar a jovem antes que seus maridos pudessem se deitar com ela. Assim, novos tormentos se preparam para o jovem apaixonado que, a essa altura, “já estava habituado a passar com facilidade de alegria à tristeza, e desta áquella”.⁵⁸ A melhora na sorte do rapaz se opera pela ajuda do falso profeta, que se associa ao jovem, pois também ele tencionava escapar do lugar — e, para alegria de Dely, levando consigo uma considerável riqueza. O constante movimento da roda da fortuna faz com que a alegria dure pouco. As terríveis mulheres tártaras, percebendo que o profeta tinha ligações com a bela jovem, matam-no com as próprias mãos. Entretanto, não conseguem deter Dely e Zulima, que escapam, em uma pequena embarcação preparada pelo falso profeta para sua fuga, levando consigo o tesouro amealhado por ele. O barco os leva a Constantinopla, onde o rapaz adquire uma bela casa de campo e algumas escravas para servir a sua amada.

O tradutor, talvez cansado de tantas peripécias, interrompe aqui a narrativa, não sem antes deixar claro que Zulima jamais foi vista novamente, pois Dely decidiu afastá-la de qualquer convívio social, terminando o livro com uma exortação à reclusão das mulheres: “a experiência ma fez para sempre occultar a todos os viventes. Não digo tanto, mas em meio termo, este exemplo do meu último proceder para com ella, estimarei que o mundo aprove. Fim”.⁵⁹

Com esse abrupto final, os leitores de língua portuguesa perderam a oportunidade de conhecer as severas críticas feitas à sociedade francesa, suscitadas pelo contato de Dely e Zulima com as altas esferas sociais parisienses. Na versão original, o rapaz aproveita sua fortuna para mudar-se para a França a fim de tentar encontrar sua mãe. Nem é preciso dizer que a beleza da moça, associada a sua convicção na necessidade de satisfazer todos os homens que por ela se interessassem, criou contínuas dificuldades para Dely. Percebendo que sua oposição às investidas sexuais sobre sua amada era vã, o jovem se vale da credulidade de Zulima para convencê-la de que o Deus do Ocidente castiga horriavelmente a todos os que têm relações sexuais fora do casamento. Ela aceita esse novo mandamento, o que faz com que não tenha relações nem mesmo com seu querido Dely. O rapaz resigna-se, preferindo isso a dividi-la com um mosqueteiro e um abade que a galanteavam. Suas únicas alegrias, a partir daí, virão do reencontro com a mãe, uma nobre francesa que havia sido seduzida, no passado, por um turco em passagem pela França. Para completar o final feliz, seu pai, que havia caído em desgraça no início da narrativa,

⁵⁸ Idem, *ibidem*.

⁵⁹ Idem, página 60.

volta às boas com o Grande Vizir, escreve para o filho e reata boas relações com a mãe. Segue-se ainda uma “segunda parte”, em forma epistolar, em que se apresentam cartas escritas por Achmet, amigo de Dely, a Atalide, sua “escrava favorita”.⁶⁰ A correspondência dá ocasião a novas reflexões filosóficas sobre as diferenças entre os povos e sobre o relativismo cultural.⁶¹

A tradução, no mais muito fiel ao original, deve ter sido sacrificada por temor (ou por imposição) da censura, que, entretanto, deixou passar todas as demais referências à sexualidade, à política e à religião, chegando, em alguns momentos, a ser até mais explícita e detalhada do que a versão francesa, como ocorre na cena em que Dely deve “purificar” a velha que chegara ao templo. Deve ter parecido ao tradutor que críticas ambientadas no oriente seriam mais palatáveis do que considerações sobre a fé ou sobre o comportamento moral dos europeus. Desafortunadamente, não foi possível encontrar os pareceres que autorizaram a publicação do texto em português, de modo que só é possível tecer conjecturas a esse respeito.

Mesmo assim (ou, talvez, por isso mesmo) este livro teve ampla circulação em Portugal e no Brasil. Sua larga difusão deixa claro que havia contradições e brechas, muitas vezes amplas, no aparato censório que, enquanto seguia interditando a circulação de livros como *Werther*, dava livre curso à *História de dois amantes ou o templo de Jatab*.⁶²

A obra foi fartamente anunciada na *Gazeta do Rio de Janeiro*, a partir de 1811, sendo oferecida por diferentes mercadores. Um dos anúncios indica que seu preço estava entre os mais baixos:

Tambem sahio á luz: *Cartas de Heloizça á Abailardo*; nova edição em proza. Vende-se por 330 nas lojas de Manoel Joaquim Alves Porto, e na da Gazeta, onde se achão as seguintes novellas: *Philosofa por Amor* 2 vol. 1:920, *Cartas de huma Peruviana*, 2 vol 1:600, *Paulo e Virgínia*, 2 vol 1:600, *Choupana India*, 1 vol. 640, *Historia de dois Amantes*, 1 vol. 960, *Diabo Coxo*, 2 vol. 1:600 réis.⁶³

⁶⁰ *Mémoires Turcs avec l'histoire galante de leur séjour en France. Par Achmet Dely-Azet, Bacha à Trois Queues, Turc de la suir de Said Effendi, Ambassadeur extraordinaire du Grand Seigneur*. Second Partie. A Paris : En l'hôtel de son excellence, rue de Tournon, Fauxbourg S. Germain. Lu et approuvé par l'Approbateur Général du Grand Seigneur. 1743. Disponível em http://venus.unive.it/piotto/francese/godard/p1/memoirs_turcs_1.html. Consultado em 1 de outubro de 2008.

⁶¹ Na tradução para o português, talvez a referência a uma “coleção” e a indicação de que o volume trazia a “Historia I.” signifique que o tradutor imaginava publicar essa segunda parte. Entretanto, não há nenhuma indicação de que a “coleção” tenha tido prosseguimento.

⁶² Sobre a proibição de Werther ver ABREU, Márcia. “Effluvios pestíferos da perversidade do Século”: leituras de Werther no mundo luso-brasileiro. *Revista de Letras* — Universidade Estadual Paulista. Vol. 46, No 2 (jul-dez 2006), pp. 131-162.

⁶³ *Gazeta do Rio de Janeiro*, 02/12/1812.

A módica quantia de 960 réis colocava o livro ao alcance de vários bolsos.⁶⁴ Junto como ele, anunciavam-se outros livretos tão ou mais baratos, com enredos também licenciosos, mas não tão provocantes, como *O Castigo da Prostituição*, *As duas desafortunadas*, ou *Triste efeito de huma infidelidade*, por exemplo. Neles também se contam histórias de mulheres que se desviavam dos padrões morais de conduta, mantendo relações sexuais antes do casamento, mas à diferença do que ocorre na *História dos dois amantes*, todas elas são exemplarmente punidas, perdendo a vida, contraindo doenças que as desfiguram ou encerrando-se pelo resto de suas vidas em conventos. Ao contrário delas, Zulima, que assumira abertamente seu interesse pelo sexo, conseguiu superar todos os obstáculos e viver satisfeita ao lado do homem que ela escolheu. É bem verdade que o tradutor para o português, talvez temendo a excessiva liberdade da moça, trancafiou-a em casa para sempre, a fim de evitar que ela “tivesse comercio” com todos os homens que por ela se interessassem. Mesmo assim, os leitores devem ter imaginado que, portas a dentro, ela deve ter se divertido bastante com seu querido e desejado Dely.

É sempre difícil recuperar a reação dos leitores aos textos, mas é possível supor que esse livro despertasse interesses muito diversos. Alguns dos leitores luso-brasileiros podem ter focado sua atenção apenas nos aspectos engraçados do enredo, divertindo-se com a velha reumática e com a feiúra das mulheres tártaras; outros podem ter se empolgado com o enredo, centrando sua atenção nas alusões sexuais e nas constantes mudanças operadas pelo fado na sorte do protagonista; outros ainda podem ter se deliciado com as pequenas ironias e com os comentários maliciosos espalhados pelo texto.

Entretanto, é possível que esse livro tenha suscitado outra ordem de reflexão além (ou ao lado) dessas. Sua circulação em Portugal e no Brasil pode ter interferido nas visões de mundo, nos valores e nas crenças dos leitores. É possível que muitos, a partir da leitura, tenham refletido sobre a sexualidade feminina, sobre os desejos das mulheres e sobre a possibilidade de elas assumirem abertamente seu interesse sexual. Outros podem ter sido levados a pensar sobre as diferenças culturais e sobre a relatividade dos valores, questionando não apenas os costumes alheios, mas as próprias convicções. Alguns podem ter ponderado a relação entre natureza e cultura, tanto no sentido de examinar a correlação entre impulsos biológicos e convenções sociais, quanto no sentido de aquilatar os benefícios advindos do contato com o mundo natural e os malefícios da civilização. É possível até que alguns tenham até revisto (ou reafirmado) sua avaliação acerca da situa-

⁶⁴ Segundo Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, “uma empada de recheio de ave custava 100 réis; um arrátel de linguiça, 280; um quartilho de tinta para escrever, 320; a aguardente de cana, 80 réis a garrafa; um sabão inglês, 120 réis a libra, os periódicos custavam, por número, em 1821, entre 80 e 120 réis.” NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. “Cidadania e participação política na época da Independência do Brasil”. *Cadernos CEDES* vol.22 nº 58. Campinas, dezembro de 2002.

ção brasileira, enquanto colônia tropical, a partir do elogio feito no livro à supremacia da natureza frente ao luxo citadino.

Dessa forma, sensibilidades, comportamentos e valores podem ter sido afetados por um livreto barato, escrito por um autor de “segundo time” e vendido por uns trocados pelas ruas do Rio de Janeiro, de Lisboa e de Paris.

Abstract: The text presents the early publication of novels in Brazil, carried out by Impressão Régia (Royal Printing) from 1810 to 1822, discussing the difficulties of establishing a reliable list of books printed by this typography. The fact that relevant part of the few novels published contains licentious narratives draws attention. One of the highlights is *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, translation of *Mémoires turcs avec l'histoire galante de leur séjour en France, par un auteur turc de toutes les académies mahométanes*, published anonymously in Paris in 1743, and several times banned by censors. The article analyzes in detail this text and its circulation on Luso-Brazilian territories.

Keywords: Royal Printing. Licentious novel. *Mémoires turcs*. *História de dois amantes ou o templo de Jatab*

Referências bibliográficas

[D'AUCOUR, Claude Godard]. *História de dois amantes ou o Templo de Jatab*. Traduzida e acomodada por J.P.S.A. Nova edição. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811, 60 páginas.

[D'AUCOUR, Claude Godard]. *Mémoires Turcs avec l'histoire galante de leur séjour en France. Par Achmet Dely-Azet, Bacha à Trois Queues, Turc de la suir de Said Effendi, Ambassadeur extraordinaire du Grand Seigneur*. Second Partie. A Paris : En l'hôtel de son excellence, rue de Tournon, Fauxbourg S. Germain. Lu et approuvé par l'Approbateur Général du Grand Seigneur. 1743. Disponível em http://venus.unive.it/piotto/francese/godard/p1/memoirs_turcs_1.html. Consultado em 1 de outubro de 2008.

[D'AUCOUR, Claude Godard]. *Templo de Jatab. Collecção de memorias turcas. Historia I*. Traduzida e acomodada por J.P.S.A. Lisboa: na Impressão Régia, 1806, 152 páginas.

[D'AUCOUR, Claude Godard]. *Templo de Jatab. Collecção de memorias turcas. Historia I. Trad. e acomodada. Novamente reimpressa sobre a edição feita em 1806*. Lisboa, na Imp. de João Nunes Esteves, 1822, 74 páginas.

[D'AUCOUR, Claude Godard]. *Templo de Jatab, ou historia de dois amantes, Zulmia e Dely*. Lisboa: na Typ. de Nunes seu filho, 1841.

ABREU, Márcia. “Effluvios pestíferos da perversidade do Século”: leituras de Werther no mundo luso-brasileiro. *Revista de Letras* — Universidade Estadual Paulista. Vol. 46, No 2 (jul-dez 2006).

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras / FAPESP / ALB, 2003.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução por Roberto de Oliveira Brandão. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

DARNTON, Robert. *Edição e sedição — o universo da literatura clandestina no século XVIII*. Tradução Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DAWSON, Robert. *Confiscations at customs: banned books and the French booktrade during the last years of the Ancien régime*. Oxford: Voltaire Foundation 2006.

DEMOUGIN, Jacques (dir.) *Dictionnaire des Littératures française et étrangères*, Paris: Larrouse, 1985, p. 636. Foi consultada a seguinte edição francesa : *Mémoires Turcs avec l'histoire galante de leur séjour em France, par un auteur turc de toutes les académies mahométanes, licencié en droit turc, et Maître-ès-Arts de l'Université de Constantinople*. A Paris : En l'hôtel de son excellence, rue de Tournon, Fauxbourg S. Germain. Lu et approuvé par l'Approbateur Général du Grand Seigneur. 1743. Disponível em <http://venus.unive.it/piotto/francese/godard/p1/>

memoirs_turcs_1.html. Consultado em 1 de outubro de 2008.

MARQUES, Maria Adelaide Salvador. *A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional — aspectos da geografia cultural portuguesa no século XVIII*. s/ed, Coimbra, 1963.

MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan. *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Tese de Doutorado em Literatura e Cultura Portuguesas — especialidade História do Livro — apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Depto. de Estudos Portugueses, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: 2001.

MONTESQUIEU. *Lettres Persanes*. Edited with an introduction, notes and an index by Robert Loyalty Cru. New York: Oxford University Press, 1914.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. “Cidadania e participação política na época da Independência do Brasil”. *Cadernos CEDES* vol.22 nº 58. Campinas, dezembro de 2002.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; VILLALTA, Luiz Carlos. (org.) *4 Novelas em Tempos de D. João*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa. Ophir — Biblioteca Virtual dos Descobrimentos Portugueses; 9. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, sob a orientação de Márcia Abreu, 2007.

VILLALTA, Luiz Carlos. “A censura, a circulação e a posse de romances na América Portuguesa (1722 — 1822)”. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (org). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras / FAPESP / ALB, 2005.

WEIL, Françoise. *Livres interdits, livres persecutés (1720 — 1770)*. Oxford: Voltaire Foundation, 1999.